

## PESQUISA

# **COLABORACIONISTAS, TERRORISTAS E EXILADOS POLÍTICOS: A EXTREMA DIREITA FRANCESA E A FUNDAÇÃO DO FRONT NATIONAL (1945 – 1972)**

GUILHERME IGNÁCIO FRANCO DE ANDRADE\*

Essa pesquisa tem o objetivo de problematizar a participação e influência política de militantes de diferentes grupos da extrema direita francesa, que atuaram em diferentes processos históricos, como a Segunda Guerra Mundial e posteriormente a Guerra da Argélia, na fundação do partido francês Front National (FN). Dentre os militantes que colaboraram com a fundação do partido e a elaboração da sua ideologia, estrutura e formação hierárquica, escolhemos especificamente investigar os sujeitos que atuaram no governo Provisório de Vichy, que apresentou características de um regime fascista. E os militantes que fizeram parte do grupo terrorista Organização Armada Secreta (OAS) que atuava na Argélia e na França durante o processo de descolonização dos países africanos na década de 1960. Ambos os militantes exerceram influência na extrema direita francesa enquanto parte deles estavam no

exílio, quando só puderam retornar para França após anistia do governo francês.

O partido francês, originalmente criado como *Front National pour l'unité Française* (Frente Nacional pela união francesa), foi fundado em 05 de outubro de 1972, procurando reunir o eleitorado dos conservadores franceses. A direita francesa se encontrava em situação delicada na década de 70, em primeiro lugar, os movimentos conservadores não vislumbravam confiança e respeito por parte da população, visto que desde a Segunda Guerra Mundial, com o governo colaboracionista de Vichy, que caracterizou um regime autoritário, perseguindo comunistas e que participou da deportação de milhares de judeus para os campos de concentração alemão, comprometeu a confiança da população em políticos e partidos com aproximação ideológica ultraconservadora. Após diversas tentativas pelos grupos ultraconservadores de organização política e depois de fundação partidária, a direita estava desorganizada, dividida em pequenas facções. Portanto a criação do Front National é resultado dessas diversas tentativas, resultando em um grande feito para os extremistas, pois, o processo de consolidação e organização dos grupos radicais demorou aproximadamente trinta anos até se tornar uma legenda organizada como foi a fundação do Front National (MAYER, N.; SINEAU, M. France: The Front National. In: AMESBERGER, H. **Rechtsextreme Parteien**. Leverkusen: Leske & Budrich, 2002. p. 43.).

No início do Front National, segundo Paulo Fagundes Vizentini, o partido foi uma mistura de várias vertentes do pensamento conservador, incluindo os nostálgicos de Vichy e os anti-Gaule (MILMAN, L.; VIZENTINI, P. F. (Org.). **Neonazismo, negacionismo e extremismo político**. Porto alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2000. p. 51.), neofascistas, terroristas do grupo OAS, intelectuais de direita e professores universitários, militantes de grupos estudantis, de

setores da classe média e comerciantes, sob a liderança de Jean-Marie Le Pen. Os membros dos partidos de extrema direita na Europa apresentavam particularidades distintas, segundo Vizentini:

os partidos de extrema-direita tinham uma composição etária curiosa. Eram formados por pessoas acima de 60 anos e que haviam sido nazistas no passado; e depois seguia-se a faixa de pessoas de meia idade, onde a pirâmide reduzia-se drasticamente; abaixo, uma ampla base social de jovens entre dezesseis e vinte e quatro anos.[...] Fora essa exceção, normalmente os partidos viviam uma vida vegetativa e semi-clandestina; veteranos de guerra, entre outros, que tinham seus clubes e associações e que utilizavam certas causas periféricas (cabe salientar que essa é uma forma de retomar-se a linha política). (idem.)

A criação do FN foi inspirada no sucesso eleitoral do partido neofascista italiano *Movimento Sociale Italiano* (MSI). O início do partido começou com grupos distintos, incluindo membros do governo de Vichy, opositores do general de Gaulle, membros do movimento Poujadista, neofascistas, militantes que participaram da Federação dos Estudantes Nacionalistas e da Jovem Nação, organizações ultranacionalistas que não possuíam vínculo partidário mas simpatizavam com a ideia de organizar um partido de extrema direita. O início do FN começou sob liderança de Jean-Marie Le Pen e François Duprat.

Segundo Jean-Yves Camus, o nacionalismo encampado pela FN, era diferente dos outros partidos franceses. Essa diferença ficaria muito evidente entre o nacionalismo defendido pelo partido de centro-direita e pela extrema direita. Os partidos tradicionais que estavam intimamente ligados ao projeto liberal, não se posicionavam na defesa da soberania nacional, pouco fizeram para manter as colônias enquanto território francês e não priorizavam a defesa da cultura francesa como uma questão fundamental (CAMUS, J-Y. *Origine et formation du Front National* (1972 – 1981) In : MAYER, N; PERRINEAU, P. **Le Front**

**National à découvert.** Paris: Presses de la FNSP, 1989. p. 18.). Já a extrema direita representada pela Front National colocava o nacionalismo e a defesa da pátria como prioridade, conseguindo, assim, se apropriar do nacionalismo, se tornando o principal defensor das “causas nacionais” na França, tanto que o patriotismo se tornou algo próprio, legítimo, exclusivo desses partidos. Segundo Camus

“A distinção entre nacionalistas tradicionais e o nacionalismo da extrema direita, fica evidente após a guerra da Argélia, e nos ajuda a compreender o porquê da FN e do PFN (Parti des Forces Nouvelles) liderarem a extrema direita e se tornarem “dona” do patriotismo na França” (Ibid., p. 19).

Esse nacionalismo defendido pelo partido, tinha bastante influência do nacionalismo da OAS, que defendia a expansão do Império Francês e a manutenção das colônias africanas. Para muitos militantes do partido, principalmente os que haviam participado de conflitos armados, especialmente os que tinham servido o exército durante a Guerra da Coreia e da Guerra da Argélia, nas décadas de 1950 e 1960, esse período da história francesa teria reascendido a causa nacional e o nacionalismo. Pois foi durante essas duas décadas, que a extrema direita militou contra o governo do Charles de Gaulle, que permitiu o desmonte do Império Francês, dando apoio e acelerando o processo de independência das colônias. Tal processo marcou a extrema direita francesa, que encorpou o ultranacionalismo a principal pauta política, creditando aos socialistas e aos partidos de centro-direita, uma posição de entreguista, de enfraquecimento político e como responsáveis pelo enfraquecimento do poder da França enquanto potência mundial.

O Front National tinha como proposta política e ideológica baseada em torno da defesa da identidade nacional, supostamente ameaçada pela imigração e pela internacionalização do comércio e a

globalização, lutava para que a França alcançasse o retorno do “glorioso” nacionalismo francês. Em projeto para defender a França das “ameças” internacionais como o avanço do neoliberalismo e da globalização, criticava a “americanização” do mundo e se posicionava como partido anti-estadunidense e os outros inimigos externos (especulação internacional e as forças das multinacionais e do corporativismo). Nas questões que tangiam a política interna o partido lançavam-se contra seus inimigos internos (anteriormente judeus, maçons e protestantes, agora imigrantes, principalmente árabes e muçulmanos). O Front National defende valores tradicionais e instituições as quais, segundo ela, devem se basear a identidade francesa nos princípios de família, exército, autoridade e catolicismo (HAINSWORTH, P. **The extreme right in France: The rise and rise of Jean-Marie Le Pen’s Front National.** Representation, 40, 2004. p. 44.).

As características ideológicas do Front National vem de diversas fontes, um dos pontos centrais discutidos na academia francesa é a influência da Revolução Nacional, nome dado ao programa político do Marechal Phillippe Pétain, durante o governo provisório de Vichy, que foi um governo com muitas aproximações dos regimes fascistas. A formulação da estrutura partidária do Front National foi construída por André Dufraisse e Victor Barthelemy, ambos membros do governo de Vichy, que exerceram diversos cargos políticos e administrativos e foram um dos principais colaboradores franceses com as forças nazistas. Após ingressarem no partido e exercer certa influência na formulação ideológica, como o culto ao líder do partido, a centralização política em uma única figura, no ultranacionalismo e outros pontos que se aproximavam com o nacional-socialismo. Com a participação de Dufraisse e Barthelemy no Front National, outros militantes que participaram da coalizão de forças conservadoras no governo provisório,

outras figuras políticas também ingressaram no partido, como Jacques Doriot, fundador do partido fascista francês PPF, que também trouxe seu camarada de PPF, o Paul Malaguti, que logo se tornaria um conselheiro regional do partido e figura importante na cúpula do Front National (VIZENTINI, P. F. (Org.) **Neonazismo, Negacionismo e extremismo político**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000. p. 44.).

Paul Malaguti foi membro do governo de Vichy e participou ao lado dos nazistas no massacre da vila de Montfleury em Cannes em 1944 (SHIELDS, J. G. **The Extreme Right in France: From Pétain to Le Pen**. London and New York: Routledge, 2007. p. 197.). Malaguti trouxe para o partido seu amigo Pierre Bousquet que serviu na Waffen SS e foi membro do PF, de Marcel Bucard. Outros intelectuais e militantes do governo de Vichy logo integraram o partido em seu início, Roland Gaucher e François Brigneau que pertenciam ao partido colaboracionista de Marcel Déat o *Rassemblement National populaire*. Além de Pierre Bousquet, o FN atraiu diversos militares e ex-combatentes, principalmente de franceses que haviam se alistados voluntariamente no pelotão nazista a Waffen-SS, considerado o pelotão de elite nazista, conhecido por ser o pelotão mais fanático e fiel ao nacional-socialismo a Hitler. Durante a ocupação francesa, aproximadamente 11 mil franceses serviram voluntariamente ao lado dos nazistas no pelotão de elite Waffen-SS, um dos principais líderes franceses ao lado dos nazistas foi Pierre Bousquet, que batizou o pelotão francês como SS-Charlemagne (idem.).

Após a invasão da França pelas forças aliadas, alguns membros do governo de Vichy fugiram do país para não serem condenados pelos seus crimes durante a ocupação alemã. No exílio Pierre Laval ainda tentou formar um governo com sua no Castelo Sigmaringen, onde permaneceu existindo formalmente até o final da guerra. Com o final da

guerra e o retorno de Charles de Gaulle ao governo francês, deu-se início a um processo de caça aos colaboracionistas, aqueles que conseguiram ser capturados foram processados e condenados. Os militantes que conseguiram exílio político em países com regimes autoritários na Europa, caso de Portugal e Espanha. Alguns fugiram para as colônias francesas na África, onde atuavam nas forças militares durante a Guerra da Argélia.

A Argélia foi colonizada pela França em 1830, mas dentre as colônias francesas ela tinha um tratamento diferenciado, a Argélia era considerada uma extensão do território nacional, como parte integrante da França. Para James Shields essa colônia tinha maior importância para a França, por ter uma parcela significativa de franceses que habitavam esse país, em torno de 1 milhão, conhecidos como *pied-noir*. Essa população mantinha relações econômicas estreitas com a França, pois a grande maioria dos franceses na Argélia representavam as classes dominantes da região, eles atuavam em setores da agricultura, exploração de minérios e no comércio. Outro ponto importante e muito significativo para que parte dos políticos franceses defendessem a permanência da Argélia enquanto território, foi a descoberta de grande quantidade de petróleo na colônia (Ibid., p. 90.).

Na década de 60 na França, durante os debates na sociedade civil sobre o conflito Argelino, a OAS aparece gerando terror contra a população francesa. Esse grupo paramilitar terrorista se colocava contra as posições políticas da maioria dos partidos franceses que militavam para a independência da Argélia. A OAS iniciou suas atividades terroristas atacando políticos da oposição, seus primeiros alvos foram figuras políticas da esquerda e muçulmanos. (SIMMONS, H. G. **The French National Front: The Extremist Challenge to Democracy.** Oxford: Westview, 1996. p. 45.)

O início das suas ações terroristas foi na Argélia contra membros da Armada de Libertação Nacional (ALN) e da Frente de Libertação Nacional (FLN). As letras OAS apareceram pela primeira vez nos muros de Argel acompanhadas do slogan *L'Algérie est française et le restera* ("A Argélia é francesa e continuará sendo"). No cartaz abaixo a OAS convida os cidadãos a pegar nas armas para garantir a Argélia enquanto território francês.

A OAS foi formada na Espanha em 1961, por oficiais do exército francês, Pierre Lagaille, o General Raoul Salan e Jean Jacques Susini, alguns meses mais tarde seria formada uma célula da OAS em Paris, por Yves Guérin-Serac e pelo capitão Pierre Sergent. Ela possuía características ultranacionalistas, uma de suas principais campanhas era para a permanência da Argélia enquanto território francês. A OAS surge após a declaração do então presidente Charles de Gaulle, de que apoiava a independência da Argélia (SHIELDS, J. G. op. cit., p. 97.).

Esses oficiais faziam parte da Organização de resistência da Argélia Francesa. Na Argélia o grupo da OAS era composto por colonos nascidos na Argélia que não queriam a independência do país e judeus argelinos que se uniram à facção após atentados a sinagogas pela FLN. A tática da OAS era fazer sabotagens e assassinatos para impedir que a independência da Argélia se concretizasse. (Ibid., p. 104.)

A OAS atuava como uma organização paramilitar clandestina, composta por militares, estudantes e neofascistas. A base de apoio da OAS incluía sobretudo os *pieds noirs*, mas também os militares e os argelinos leais à França. Durante sua existência a organização realizou várias ações terroristas tanto na Argélia, como na França. A sua ação mais conhecida foi o atentado contra a vida do presidente da França, o general Charles de Gaulle e dois atentados a bomba ao militante marxista e membro do FLN, Jean-Paul Sartre.



A OAS, em sua primeira fase, empreendeu séries de atentados na Argélia destruindo centenas de casas e matando várias pessoas (MAZRUI, A.; WOMDJI, C. **História geral da África**. vol. VIII: África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2010.), sua tática de ação preferida era planejar e executar atentados a bomba. Em seguida a OAS se voltou para França, procurando eliminar aqueles que consideravam subversivos, segundo Simmons:

A OAS mudou suas operações para a França. Bombas eram enviadas para bairros árabes em cidades francesas, atentados eram feitos contra pessoas leais ao exército, a delegacias de polícia e vários escritórios e prédios do partido comunista foram alvejados. (SIMMONS, H. G. op. cit.)

A campanha dos atentados continuou durante o ano de 1961, após seguidos atos terroristas, a OAS consegue assassinar o líder liberal Maitre Popie e a partir desse assassinato o grupo parte para a Argélia onde conseguem massacrar mais de 500 pessoas em uma série seguida de atentados à bomba. (DAVIES, P. **The National Front in France: Ideology, Discourse, and Power**. New York: Routledge, 1999. p. 125.)

Para James Shields, a OAS, enquanto movimento político, propôs ideologicamente muito pouco. Enquanto projeto social e político, ela apresentava sérios problemas, em primeiro lugar pelo fato de serem assassinos, a forma sectária de militante e ativismo. Outro fator que pesava contra a popularidade e simpatia da população à OAS, é a hostilidade com que o grupo atuava com grupos diferentes, as atividades em meio a ilegalidade e marginalidade. Dessa forma a OAS colaborava para que existisse uma rejeição do grupo pela grande maioria da população francesa.

A OAS continuou sua luta contra a FLN até 1962, quando De Gaulle decreta o acordo Evian, que assegura a independência da Argélia

e coloca fim ao conflito entre os dois países. Mesmo com o acordo de cessar fogo e o fim da guerra da Argélia, a OAS continuou atuando na Argélia até 1963, quando grande parte das suas lideranças são presos e consequentemente fuzilados. (WINOCK, M. **Histoire de l'extrême-droite en France**. Paris : Éditions du Seuil, 1994. p. 236, p. 26.) Os militantes que sobreviveram foram exilados para Espanha, acolhidos pelo ditador Franco. Em julho de 1968 o governo francês decretou anistia a Raoul Salan, Edmond Jouhaud e mais outros generais e membros da OAS, sendo os militares absolvidos de seus crimes e reintegrados ao exército. Porém muitos membros com patentes menores ou militantes que não pertenciam a elite do exército continuam exilados. (MILZA, P. **Fascisme français: passé et présent**. Paris : Flammarion, 1987. pp. 319–320.) Nesse sentido os políticos que ainda estavam exilados, se articulavam com os movimentos de extrema direita na França, para que esses grupos pressionassem o governo francês para a criação de um processo de anistia.

O Front National, em sua primeira eleição enquanto partido, em seu manifesto político *Défendre les Français, C'est le programme du Front National* em 1973, o partido expõe algumas das suas propostas e demonstra como os fracassos do passado ainda têm relevância para os membros do partido. No programa de governo o FN procura manifestar sua posição contra os Acordos de Evian, criado por de Gaulle, principal inimigo dos políticos do FN. (FRONT NATIONAL, **Défendre les Français. C'est le programme du Front National**. Supplement to Front National, n° 3, 1973. p. 16.) O partido acreditava que os Acordos de Evian deveriam ser revistos, pois ele havia exilado militantes da OAS e seus colaboradores, e também imposto sanções aos franceses argelinos (*Pieds-noir*) e os franceses argelinos mulçumanos (conhecidos como *Harkis*) que haviam lutado ao lado do exército francês na Argélia. E que

o governo deveria indenizar os exilados pelos abusos e negligências sofridos pelos mesmos durante esses anos de exílio. (FRONT NATIONAL, **Défendre les Français. C'est le programme du Front National**. Supplement to Front National, n° 3, 1973. p. 17.) O FN esperava mostrar para esses grupos que o partido jamais se esqueceu dos seus “feitos heroicos”, então reivindicar um fim ao acordo de Evian foi uma tática para aumentar suas bases.

Um dos principais defensores dos militantes da extrema direita francesa foi Georges-Paul Wagner, deputado do FN e advogado, ficou conhecido por defender militantes da extrema direita, principalmente nos casos dos exilados políticos de extrema direita, durante anos ele processou o governo francês para conseguir indenizações aos exilados. Georges-Paul Wagner foi militante da AF em sua juventude e ingressou no FN em 1988. Durante sua vida profissional ficou marcado por ter defendido os militantes da OAS que planejaram os atentados contra o General Charles de Gaulle e advogou nos processos por antissemitismo e racismo de Jean-Marie Le Pen. Ele também se dedicava a atuar na área do direito penal e civil, principalmente atuando em questões ligadas à imigração ilegal (LISZKAI, L. **Marine Le Pen: Um nouveau Front National?** Lausanne: Éditions Favre, 2011. p. 23.).

Os exilados políticos da extrema direita na França tiveram força política suficiente para conseguir colocar suas pautas políticas no cenário francês, tanto que conseguiram através do Front National, anistia dos crimes de guerra e voltaram para seus países, retornando as suas atividades políticas no partido de extrema direita Front National. A experiência desses militares que participaram do grupo terrorista OAS, colaborou para a formação de grupos paramilitares e de pequenas milícias que trabalhavam em função da proteção do Front National.

\* Doutorando em História na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).